

Sobre a semântica do verbo *ficar* em construções progressivas com adjetivos e participípios¹

Rute Rebouças

Faculdade de Letras da Universidade do Porto/
Centro de Linguística da Universidade do Porto

Abstract

The Portuguese language, unlike many other languages, has the verb *ficar*, which is often used in resultative constructions and is characterized by having a multifunctionality: staying in a certain place, presenting the result of a change or an aspectual operation (*ficar a + infinitive*). In this way, this work aims to study the behavior of the verb *ficar*, as an indicator of change, in progressive constructions with adjectives and participles, to characterize not only the verb *ficar* and the progressive constructions, but also the adjectives and participles that occur in them. To this end, we selected examples of two distinct *corpora* built with adjectives and participles, whose tense of “*estar a*” would be in one of following: Presente, Pretérito Perfeito and Imperfeito (Simples do Indicativo). So, the observation of the selected tenses that occurred in these constructions, the type of adjective and its possible graduation, as well as some participles and their proximity to the typical characteristics of the adjectives, were considered as essential aspects for the development of this study. In this work, it was possible to conclude that the presence of the verb *ficar* in progressive constructions seems to demonstrate the loss of the characteristic completeness and resultative meaning of this verb, presenting the progressive a progression which seems to prevail. Besides, it was also possible to conclude that *ficar* in these constructions, selects mainly adjectives and that the selected tense is mostly Presente do Indicativo.

Keywords: *ficar*, progressive constructions, tenses, adjectives, participles

Palavras-chave: *ficar*, construção progressiva, tempos verbais, adjetivos, participípios

1. Introdução

Em Português, o verbo *ficar* tem sido objeto de estudo de alguns trabalhos, devido à sua multifuncionalidade ou polissemia²: por um lado, comportando-se como verbo principal, assume a sua significação básica de ‘permanecer, não se mover’ (Lehmann, 2008) ((1))³; mas, por outro lado, apresenta-se como um verbo copulativo, que indica uma mudança (Brito, 2003; Correia, 2010; Carvalho, 1984) ((2)). *Ficar* pode ainda ocorrer como verbo de operação aspetual (*ficar a + infinitivo*) ((3)) ou em passivas resultativas (Duarte & Oliveira, 2010; Duarte, 2013) ((4)). Neste trabalho, o objetivo consiste na análise do verbo *ficar*,

¹ Este artigo foi desenvolvido no âmbito do curso de Doutoramento em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e foi apoiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal) e pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto (FCT-UIDB/00022/2020) através da Bolsa de Doutoramento UI/BD/150976/2021. A elaboração deste artigo resulta da dissertação de mestrado sobre o verbo *ficar* em construções progressivas (2019), orientada pela Professora Doutora Fátima Oliveira. Agradeço aos avaliadores anónimos da Revista APL pelas sugestões e comentários.

² Termo sugerido por um avaliador anónimo, a quem agradeço.

³ Num enunciado como ‘A Maria **ficou** no Porto’, *ficar* pode ter duas interpretações: a interpretação (primordial) da negação de mudança, relacionada com “permanecer, não se mover” – A Maria **ficou** no Porto; e a interpretação que indica mudança - A Maria **ficou** no Porto porque perdeu o comboio.

Enunciado e interpretação do mesmo fornecidos por um avaliador anónimo, a quem agradeço.



como indicador de mudança, em construções progressivas (Cunha, 1998, 2004, 2007) com adjetivos ou participípios, no sentido de compreender o comportamento do verbo em questão, bem como analisar os adjetivos e participípios (Cunha & Ferreira, 2003; Demonte, 1999; Ferreira, 2012; Foltran & Crisóstimo, 2005; Leal *et al.*, 2015; Veloso & Raposo, 2013) que participam neste tipo de construções.

- (1) A Maria **ficou** *em casa*.
- (2) A Maria **ficou** *doente*.
- (3) A Maria **ficou** *a nadar* na piscina.
- (4) A casa **ficou** *destruída*.

Assim, com base em dados de dois *corpora* (*Corpus* CETEMPúblico e *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)) foram reunidos 800 exemplos, considerando-se para este estudo os que combinam *ficar* com adjetivos ou participípios em estruturas progressivas em alguns tempos verbais do Indicativo como o Presente e os Pretéritos Perfeito e Imperfeito (Oliveira, 2003, 2013). O estudo pretende averiguar em que medida a construção progressiva pode influenciar a interpretação de *ficar* nas construções consideradas, assim como verificar se *ficar* seleciona sobretudo adjetivos ou participípios passados e quais os efeitos semânticos que daí advêm.

Este artigo está organizado da seguinte forma: nas três primeiras secções (2, 3 e 4), são explicitadas algumas considerações acerca das construções progressivas, dos adjetivos e participípios passados e, ainda, do verbo *ficar* em Português Europeu. Na secção 5, após a apresentação do estado de arte, apresentamos e descrevemos o *corpus* de estudo e a metodologia usada. Os dados obtidos desta análise são descritos e discutidos na secção 6. Finalmente, na secção 7, apresenta-se algumas considerações finais e perspectivas futuras de investigação.

2. Algumas considerações sobre as Construções Progressivas

Em Português Europeu, as construções progressivas, consideradas por Oliveira (1994: 188) como uma forma “muito rica em português”, tipicamente realizadas pela construção *estar a + Infinitivo*⁴, “são das mais interessantes e complexas estruturas, em termos aspetuais” (Cunha, 1998: 53). Estas construções são capazes de aceitar praticamente todos os tempos verbais (cf. (5)⁵) e de ocorrer com quase todas as classes aspetuais das predicções (cf. (6))⁶ – com eventos: processo (6b), processo culminado (6c), culminação (6d) e ponto (6e); e com estados (6a), embora existam algumas restrições, como vemos em (6a.i).

- (5) a. O João **está a ler** um livro.
- b. O João **esteve a ler** um livro.
- c. O João **estava a ler** um livro.
- d. A esta hora, o João **estará a ler** um livro.
- e. O João **estaria a ler** um livro, se não estivesses a importuná-lo.
- f. O João **tinha estado a ler** um livro, antes de sair.
- g. É bom **estar a ler** um livro.
- h. Se o João **estiver a ler** um livro, a sua irmã está a escrever poemas.
- (6) a. O João **está a gostar** do filme.

⁴ Em Português do Brasil e em outras variantes do Português Europeu (Alentejo e Açores), o Progressivo realiza-se com *estar + Gerúndio*.

⁵ Tempos verbais: simples do modo indicativo: presente ((5a)); pretéritos perfeito e imperfeito em (5b) e (5c), respetivamente; futuro e condicional (cf. (5d) e (5e)); compostos do modo indicativo, como é o caso do Pretérito Mais-que-Perfeito (cf. Cunha 1998), em (5f); e, ainda, o Infinitivo (cf. (5g)) e tempos do modo conjuntivo, como o Futuro do Conjuntivo, em (5h).

⁶ Os exemplos apresentados têm base em Cunha (1998: 54).



- i. *O João **está a ser** alto.
- b. O João **está a correr**.
- c. O João **está a ler** um poema.
- d. O gato **está a morrer**.
- e. O João **está a tossir**.

A principal função da construção progressiva é “perspetivar a fase intermédia de uma situação, focalizando-a na progressão ou decurso”, segundo Cunha (2013: 608), associando-se, por isso, a diversos conceitos que indicam as suas características e, consequentemente, os seus efeitos, ainda que, conforme Cunha (1998), de uma forma relativamente informal, tais como: “desenvolvimento”, “progresso” ou “decurso”. Na base destes conceitos, está o conceito “progressão”, que, por sua vez, se associa a “duratividade” e “incompletude”, visto existir a implicação de que haja uma certa duração, estando uma eventualidade em decurso; porém, se se apresenta em decurso, não atingiu ainda o ponto de culminação, podendo continuar (cf. Leal, 2001).

Este tipo de construções, de acordo com Cunha (1998: 56, 2007) manifesta “diversas propriedades que permitem fundamentar a hipótese de que estamos perante estruturas tipicamente estativas”, uma vez que o progressivo funciona como um estativizador, isto é, um operador que converte uma frase não estativa numa estativa⁷ (Glasbey, 1998: 105). Assim, o verbo *estar* relaciona-se com estas construções devido às suas características inerentes, pois este verbo ocorre, por norma, em predicções estativas, tais como ‘O João *está* doente.’, não manifestando outro tipo de comportamento aspetual.

De acordo com Cunha (1998), as construções progressivas, devido à origem do verbo ‘estar’, aproximam-se da estatividade, transformando processos em estados (Leal, 2001); porém, como observámos em (8), o Progressivo não participa em construções progressivas, rejeitando-as. Vlach (1981: 274) afirma que uma frase como (7), ‘O João está a ser simpático’, que aparentemente é estativa, na verdade, apesar de se apresentar no progressivo é usada no sentido não estativo. Isto é, “the function of the progressive operator is to make stative sentences, and, therefore, there is no reason for the progressive to apply to sentences that are already stative.” (cf. (7), (8)).

- (7) O João **está a ser** simpático.
- (8) *O João **está a estar a ler** um livro.

O Progressivo também não é compatível com a maioria dos testes de agentividade⁸ (cf. (9)): não aceita construções com o Imperativo, não ocorre em orações com verbos do tipo de *obrigar* e *persuadir*, nem admite estruturas do tipo “o que X fez foi”. Contudo, aceita a comparência de advérbios que remetem para a agentividade (cf. (10))⁹.

- (9) a. *João, **está a ler** um livro!
- b. *A mãe obrigou o João a **estar a ler** um livro.
- c. ?? O que o João fez foi **estar a ler** um livro.
- (10) O João **esteve a ler** um livro deliberadamente.

⁷ Traduzido do inglês: “the progressive should be seen as a *stativizer* – that is, an operator which converts a non-stative sentence into a stative one” (Glasbey, 1998: 105).

⁸ No entanto, de acordo com Cunha (2007: 144), “de um modo geral, poderemos afirmar que as estruturas progressivas são compatíveis com elementos portadores de “marcas” ou de “traços” de agentividade.”

⁹ Exemplos baseados em Cunha (1998).



No entanto, estas construções admitem, tal como os estados quando combinados com o Presente do Indicativo, uma leitura de presente-real, ao contrário dos eventos que denotam uma leitura de habitualidade. O Progressivo, deste modo, tem uma leitura de presente real e não habitual (cf. Cunha, 2013), nas estruturas com o Presente do Indicativo (cf. (11)). Ao mesmo tempo, em estruturas encabeçadas por *quando*, “as frases progressivas comportam-se como os estativos, i.e., “englobam” a oração pontual e são mais “naturais” com o Imperfeito” (Cunha, 1998: 60) (cf. (12) *versus* (13)).

- (11) O João **está a ler** um livro agora.
- (12) O João **estava a ler** um livro, quando eu entrei.
- (13) ??O João **esteve a ler** um livro, quando eu entrei.

Ainda assim, tal como as predicções estativas, o Progressivo parece “obedecer às mesmas restrições típicas no que respeita aos operadores aspectuais” (Cunha, 1998: 60): não aceita verbos de operação aspetual como *começar a* (cf. (14)); rejeita operadores que limitam a situação (*a x tempo; em x tempo*) (cf. (15)); contudo, aceita operadores durativos (*durante x tempo*), típicos dos processos (cf. (16)) ou dos estados (cf. (17)).

- (14) *O João **começou a estar a ler** um livro.
- (15) ?/*O João **esteve a ler** um livro às duas horas.
- (16) O João **esteve a ler** um livro durante dois meses.
- (17) O João **esteve doente** durante dois anos.

Na verdade, “tal como os estados, o Progressivo apresenta uma estrutura durativa, homogênea, intrinsecamente atética e não é fácil determinar fases no seu interior” (cf. Leal, 2001: 123), levando a um problema muito estudado na literatura: o fenómeno do Paradoxo do Imperfectivo¹⁰ (cf. Dowty, 1979).

3. Algumas considerações sobre os Adjetivos e os Particípios Passados

Os adjetivos e os particípios passados, embora pertençam a categorias distintas, partilham “um número importante de propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1476). Em geral ambos podem: i) participar em construções predicativas, ii) posicionar-se junto ao nome, em posição atributiva e, ainda, iii) ser suscetíveis de gradação.

O **adjetivo**, considerado como uma categoria gramatical (cf. Demonte, 1999: 133), de acordo com Ferreira (2012), atribui ao nome uma propriedade (ou um conjunto de propriedades) ou uma característica, podendo, assim, ser aplicado a vários tipos de objetos, pois apresenta-se como termo geral (cf. Demonte, 1999: 134). Veloso e Raposo (2013: 1359) consideram os adjetivos como “uma classe de palavras que exprimem propriedades caracterizadoras das entidades do universo do discurso, linguisticamente representadas por N”, definindo-se como graduáveis e medíveis, podendo, desta forma, ser modificados por advérbios que indicam gradação e comparecer em frases comparativas (cf. Demonte, 1999). Do ponto de vista morfológico (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1363), o adjetivo concorda em género e número com o nome que está a ser adjetivado ou com o sintagma nominal sujeito, quando se apresenta com função predicativa.

Como se trata de uma classe aberta, segundo Veloso e Raposo (2013), e, conseqüentemente, ampla, dado a existência de inúmeras características e propriedades passíveis de caracterizar e qualificar as entidades pertencentes ao mundo real ou virtual, diversas são as “perspetivas de abordagem” (cf. Ferreira, 2012: 11) para

¹⁰ “O paradoxo reside no facto de a verdade das formas progressivas, que se combinam com dados eventos, não implicar necessariamente a verdade das suas correspondentes mais neutras no que diz respeito ao Aspecto” (Cunha, 1998: 63). Sobre este assunto ver: Meulen (1987), Cunha (1998, 2007), Oliveira (1994), Leal (2001) e Rebouças (2019).



agrupar, delimitar e organizar os adjetivos em subclasses. Note-se, no entanto, que os adjetivos qualificativos e os adjetivos relacionais são considerados como “subclasses semânticas centrais” (cf. Veloso & Raposo 2013: 1362). Assim, diversos autores, como Demonte (1999), Brito (2003), Cunha e Ferreira (2003), Ferreira (2012), Cunha e Cintra (1984, 2014) e Veloso e Raposo (2013), e.o, propõem uma organização dos adjetivos em subclasses. Deste modo, seguindo estas propostas, neste trabalho foram consideradas como subclasses primordiais as seguintes: **adjetivos qualificativos** (cf. *bonito* ou *inteligente*), **adjetivos relacionais** (cf. *presencial* ou *européu*), **adjetivos adverbiais** (cf. *frequente* ou *próximo*), **adjetivos intensionais** (*falso*), **adjetivos modais** (*possível* ou *provável*) e **adjetivos avaliativos** (cf. *bom* ou *mau*)¹¹.

O **participípio passado** é um derivado verbal (Bosque, 1999) que, de acordo com Oliveira (2013: 552), “não apresenta marcas morfológicas de temporalidade, sendo, pois incapaz de contribuir por si só para o valor temporal das orações em que ocorre”, tal como o gerúndio e o infinitivo. Apresentando o participípio o resultado do processo verbal, este permite, segundo Cunha e Cintra (2014: 617), a “formação dos tempos compostos que exprimem aspeto conclusivo do processo verbal”, empregando-se de três formas distintas quando surge num complexo verbal, no qual consta um ou mais verbos auxiliares: na formação de tempos compostos (ao combinar-se com os auxiliares *ter* e *haver* (*tem escrito*, *havia escrito*)), na formação da passiva (agregando-se ao verbo *ser* (*foi escrita*)) e na posição de predicativo (quando se trata de uma passiva de estado, construída pelo auxiliar *estar* e o participípio do verbo principal (*estamos impressionados*)). Além disso, pode participar noutras construções, enquanto participípio absoluto, tendendo a exprimir o estado resultante de uma situação acabada (*achada a solução*).

Villalva e Almeida (2004) sublinham a existência de diversos verbos abundantes presentes na língua portuguesa, que se caracterizam, conforme Cunha e Cintra (2014), por possuírem duas ou mais formas participiais. Assim, o participípio¹², de determinados verbos, apresenta duas formas possíveis¹³: uma forma irregular e forte (reduzida ou anormal (Cunha & Cintra, 2014) e rizotónica e curta (cf. Veloso & Raposo, 2013)); e uma regular e fraca (arrizotónica (cf. Veloso & Raposo, 2013)). Existindo duas formas de participípio, existem, consequentemente, dois processos de formação: enquanto a forma fraca, “com acento na vogal temática” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1477), é formada através da junção de sufixos ao tema verbal, de acordo com a conjugação em causa, agregando o sufixo flexional indicador de tempo, modo e aspeto *-d-* (*comprado*, *bebido*, *vivido*); a forma forte forma-se através da agregação direta do índice temático ao radical verbal, recaindo o acento no radical (cf. *pago*, *entregue*, *escrito*). Estas formas são ainda denominadas participípios duplos (Vázquez Cuesta & Luz (1971) in Cunha & Cintra, 2014), que, a título de exemplo, a seguir se apresentam: *ganhar* (*ganho*, *ganhado*), *limpar* (*limpo*, *limpado*), *aceitar* (*aceite*, *aceitado*).

Considerando “o facto de o português dispor da distinção *ser/estar* e possuir um verbo copulativo usado tipicamente em construções resultativas (*ficar*)”, Duarte e Oliveira (2010: 402) propõem uma tipologia tripartida: participípios eventivos (verbo *ser*), estativos (verbo *estar*) e resultativos (verbo *ficar*). Por esse motivo e sabendo que apenas estes verbos possibilitam a construção de frases na passiva, Duarte (2013) apresenta uma distinção entre orações, considerando os três participípios distintos acima mencionados, respetivamente: **orações eventivas**, **orações estativas** e **orações resultativas**. As primeiras orações, construídas com *ser*, por descreverem fundamentalmente situações dinâmicas, nas quais uma das entidades envolvidas sofre alguma mudança (lugar, posse ou estado), comportam uma componente agentiva e uma componente eventiva (cf.

¹¹ Ver Rebouças (2019) para um sumário acerca dos diferentes subtipos de adjetivos, baseado nos autores que ao longo deste artigo mencionamos.

¹² De referir que em construções com *ser* ou *estar*, o participípio concorda em número e género com o sujeito da oração, ao contrário das estruturas com *ter* e *haver*, que se consideram invariáveis, de acordo com Cunha e Cintra (2014: 553).

¹³ De facto, “a existência de duas formas equivalentes coloca, obviamente, um problema de uso” (Villalva & Almeida, 2004: 283) e, por isso, Cunha e Cintra (2014) indicam que a forma regular (ou forma fraca (cf. Villalva & Almeida, 2004)) se emprega na construção de tempos compostos, da voz ativa, com os auxiliares *ter* e *haver*; pelo contrário, a forma irregular (ou forma forte (cf. Villalva & Almeida, 2004)), em construções de voz passiva, é acompanhada pelo verbo *ser* (e *estar* (cf. Villalva & Almeida, 2004)).



(18))¹⁴; ao passo que as segundas, construídas com *estar*, não têm estas componentes, sendo apenas estativas (cf. (20)); já as orações passivas resultativas contêm componentes eventivas, mas não agentivas, visto descreverem situações dinâmicas, perspetivando-as como resultado de uma mudança (lugar, posse ou estado) (cf. (19)). Note-se que, enquanto as passivas resultativas¹⁵ possuem a capacidade de aceitar a recategorização do particípio irregular em adjetivo¹⁶; porém, o mesmo não acontece com as orações passivas eventivas, uma vez que “a natureza aspetual do particípio é irrelevante” (cf. Duarte & Oliveira 2010: 403), não aceitando, de facto, estruturas com particípios recategorizados nem a sua coordenação, como atentamos em (19e.ii). Quanto às passivas estativas (cf. (20)), segundo Duarte (2013), estas apenas aceitam particípios recategorizados em adjetivos, assemelhando-se, de certa forma, às passivas resultativas, como já mencionamos (cf. (19)).

(18) Orações Passivas Eventivas

- a. O carro **foi conduzido** pelo meu pai (processo).
- b. A casa **foi construída** pelos trabalhadores (processo culminado).
- c. A porta **foi fechada** para não entrar frio (culminação).
- d. O bolo **foi apreciado** por todos (estado).

(19) Orações Passivas Resultativas

- i. A casa **ficou destruída** (processo culminado).
 - i. A casa **está destruída**.
- ii. A jarra **ficou partida** (culminação).
 - i. A jarra **está partida**.
- iii. *O carro **ficou conduzido** (processo).
 - i. ?/*O carro **está conduzido**.
- iv. *A Maria **ficou amada** (estado).
 - i. *A Maria **está amada**.
- v. A casa **ficou destruída e irre recuperável**.
 - i. A casa **está destruída e irre recuperável**.
 - ii. *A casa **foi destruída e irre recuperável**.

(20) Orações Passivas Estativas

- i. Este ator **é muito conhecido**.
 - i. *Este ator **está muito conhecido**.
- ii. A secretária da empresa **está irritada**.
 - i. *A secretária da empresa **é irritada**.

De certo modo, as orações passivas resultativas “constroem-se geralmente com o pretérito perfeito porque o operador resultativo típico *ficar* marca a transição do evento para o estado resultante e este tempo, em português, marca exatamente essa transição pela informação terminativa que veicula” (Duarte & Oliveira, 2010: 407), como é possível observar em (19). Sublinha-se que, ao contrário das demais, as orações passivas resultativas são predominantemente adjetivais e, por esse motivo, surgem com adjetivos e não com verbos, “formando um processo morfológico de conversão” (Duarte, 2003: 533). Portanto, de forma a explicitar a possível recategorização quando estamos perante frases do tipo resultativas, segue-se uma exposição acerca dos particípios que tendem a conter propriedades dos verdadeiros adjetivos, afastando-se da sua categoria base, que é, de facto, a verbal.

¹⁴ Exemplos retirados de Duarte e Oliveira (2010) e Duarte (2013).

¹⁵ Denominadas, muitas vezes, por determinados autores, tais como Duarte (2013: 442), como passivas adjetivais ou de estado.

¹⁶ Constroem-se, normalmente, de acordo com Duarte & Oliveira (2010), a partir de predicados de tipo télico (culminações e processos culminados). Não se constroem, tipicamente, a partir de predicados atélicos, como processos e raramente através de estados.



3.1. Adjetivos e Participípios Verbais: Adjetivos Participiais

Como anteriormente referido, os **participípios verbais** e os **adjetivos**, de acordo com Veloso e Raposo (2013: 1476), “partilham um número importante de propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas”, pois ambas as classes podem ocorrer em posição predicativa – em particular com os verbos *estar* e *ficar* – ou atributiva e, ainda, ser graduáveis e comparecer em construções comparativas e/ou em frases consecutivas. Contudo, “el adjetivo muestra una propiedad del objeto (...), mientras el participípio denota el estadio del objeto que manifiesta el resultado de cierta acción que se ha ejercido sobre él o de algún proceso que ha experimentado” (Bosque, 1999: 277).

Além disso, os participípios, uma vez que podem ocorrer de diversas formas¹⁷, comportando-se como verbos, aquando da ocorrência com tempos compostos, ou como formas genericamente nominais, quando estão em posição predicativa ou de adjunto, não são um grupo lexicalmente uniforme (cf. Foltran & Crisóstimo 2005: 135). Assim, nestas posições, na predicativa ou na de adjunto, os participípios assumem um carácter nominal, dado que este tipo de construção é típico de comparência dos adjetivos, e, com isto, o participípio, morfológicamente, sujeita-se à flexão própria dos nomes: flexão de número e género, tal como os adjetivos apresentam variação.

Nesse sentido, Foltran e Crisóstimo (2005) apresentam testes¹⁸ com o intuito de distinguir participípios e adjetivos. O primeiro teste centra-se na substituição do participípio por um verdadeiro adjetivo (cf. (21)). O segundo teste enquadra-se na coordenação de expressões nominais, isto é, “outra propriedade que comprova a familiaridade dos participípios com os adjetivos é a de poderem ocorrer coordenados” (2005: 137). No entanto, os elementos ao serem coordenados devem estar no mesmo paradigma, embora seja possível coordenar um participípio e um adjetivo, como observámos em (22a), que se justifica pelo facto de o participípio absorver as características de um adjetivo; pelo contrário, como vemos em (22b)¹⁹, não é possível coordenar participípios a outros verbos.

- (21) a. A professora estava *cansada*. ➡ A professora estava *exausta*.
i. As professoras estavam *cansadas*.
ii. Os estudantes estavam *cansados*.
b. A perna do gato está *inchada*. ➡ A perna do gato está *suja*.
i. As pernas do gato estão *inchadas*.
ii. Os dedos estão *inchados*.
- (22) a. Como esta empresa está *confusa e decaída*.
b. *Como estas crianças correm, gritam e *crescidas*.

O terceiro teste avalia a graduação de alguns participípios que, como verificámos em (23c) rejeitam expressão comparativas do tipo “tão...quanto”, “mais (do) que” e “menos (do) que”, ao contrário de outros que as aceitam (cf. (23a), (23b)). Vinculado a este teste estão três outros, em que está claro a graduabilidade, isto é, os participípios que seguem as propriedades básicas dos adjetivos tendem a ocorrer em estruturas superlativas

¹⁷ Os participípios podem ocorrer de diversas formas (cf. Foltran & Crisóstimo, 2005: 132): a) na formação de tempos compostos (Ele **tem** comprado muitos livros); b) na formação da passiva (Os livros **foram** comprados nessa loja); c) na posição de predicativo (Os alunos **estão** preocupados com a prova); d) na posição de adjunto adnominal, como um adjetivo (Os alunos *preocupados* estudam mais.).

¹⁸ Os autores apresentam quatro testes, no entanto, apenas foram considerados três neste trabalho. Ver Rebouças (2019), trabalho no qual os participípios passados, presentes no *corpus* de estudo, foram observados, tendo em consideração os testes de Foltran e Crisóstimo (2005) e Duarte (2003).

¹⁹ Exemplos de frases baseados em Foltran e Crisóstimo (2005).



relativas com “os mais” ou com “os menos” (cf. 24a)), aceitar formas superlativas absolutas sintéticas (cf. (24b)) e, também, a surgir com modificadores de grau como “muito”, “bem” e “bastante” (cf. (24c)).

- (23) a. A perna está tão *inchada* quanto o joelho.
 b. O João está menos *cansado* do que o Paulo.
 c. *O autocarro está mais *desaparecido* do que o camião.
- (24) a. Os rapazes são os mais *crescidos* do grupo.
 i. As meninas são as menos *cansadas* da turma.
 ii. ?Os autocarros são os mais *desaparecidos* dos veículos.
- b. Esta família é *evoluidíssima*.
 i. A perna está *inchadíssima*.
 ii. *O autocarro está *desaparecidíssimo*.
- c. Ele estava bastante *adoecido*.
 i. Encontrei as crianças muito *crescidas*.
 ii. *O autocarro está muito *desaparecido*.

Deste modo, de acordo Foltran e Crisóstimo, “o comportamento do particípio nestes testes nos permite afirmar que ele, quando em posição de predicativo ou de adjunto, possui todas as propriedades apresentadas pelos adjetivos” (2005: 138), funcionando, assim, não como verbo, mas sim como adjetivo. Por esse motivo, o verbo que com ele surge não pode ser um verbo auxiliar, mas antes um verbo copulativo, uma vez que “a estrutura sintática das passivas adjetivais é idêntica à das frases copulativas” (cf. Duarte, 2003: 535). Nestas orações, com *ficar* e *estar*, os particípios, segundo Veloso e Raposo (2013: 1485), “perdem muitas das suas características verbais, nomeadamente no domínio do aspeto”, aproximando-se, assim, semanticamente dos adjetivos. Isto é, os particípios perdem o significado eventivo, caracterizador das orações passivas, não podendo ocorrer, com a maioria dos particípios recategorizados, o agente da passiva.

Com a perda da componente eventiva, “particípios e adjetivos neutralizam-se semanticamente” (Veloso & Raposo, 2013: 1485), veiculando, desta forma, “um significado aspectualmente estático, em que se atribui a uma entidade uma propriedade – aspectualmente episódica, nos adjetivos, e com um início temporalmente delimitado, nos particípios”, dado a sua ocorrência como predicadores de orações copulativas (com *estar* e *ficar*²⁰). Por isso, Veloso & Raposo (2013) afirmam que, nestes contextos, os particípios denominam-se **particípios adjetivais**, partilhando, como vimos, propriedades com os adjetivos²¹. Muitos desses verbos “têm conjugação pronominal ou reflexa” (2013: 148): *apaixonar-se* (*apaixonado*), *aborrecer-se* (*aborrecido*), *admirar-se* (*admirado*), entre outros.

Ainda assim, como anteriormente foi explicitado, existem verbos com duas formas de particípio: a regular e a irregular. Os particípios irregulares, aquando de construções copulativas, estão, mais frequentemente, “em vias de se recategorizarem como adjetivos”, pois, para a maioria dos falantes, “estas formas curtas têm unicamente propriedades adjetivais, visto que não podem ser usadas em contextos onde predomina a natureza verbal do particípio” (isto é, em construções passivas e em tempos compostos) e, por este motivo, Veloso e Raposo (2013: 1492) chamam a estes particípios de **adjetivos de particípio**. A título de exemplo, apresentam-se alguns dos particípios que funcionam como adjetivos de particípio, em que a forma curta contextualmente, desencadeia leitura e interpretações distintas da forma regular: *correto* vs *corrigido*, *distinto* vs *distinguido*, *tinto* vs *tingido*. Além destes, é de mencionar que existe uma relação semelhante entre certos particípios regulares

²⁰ “As orações copulativas com *ficar* conservam uma parte da componente eventiva das orações passivas, já que representam um processo dinâmico de mudança de estado” (Veloso & Raposo, 2013: 1485), por oposição às orações introduzidas por *estar*.

²¹ De ter em atenção que, conforme Veloso e Raposo (2013: 1486), os particípios adjetivais não são recategorizados completamente em adjetivos, possuindo, sempre, implicitamente, uma propriedade semântica ligada à sua base verbal.



(formados por parassíntese) e adjetivos, como *doido e endoidecido*, porém, os falantes, conforme Veloso & Raposo (2013), continuam a preferir o adjetivo em contextos predicativos, já os participípios regulares usam-se nos tempos compostos²².

Porém, de acordo com Duarte e Oliveira (2010: 403), “em frases copulativas, com verbos não estativos que têm participípios duplos, o verbo copulativo *ser* apenas se pode combinar com as formas irregulares, recategorizadas como adjectivo, e que correspondem a participípios estativos”: ‘O teste *é correto*’ versus ‘O teste *está corrigido*’. Carvalho (1984: 149) alude à existência de, na classe de adjetivos participiais, adjetivos puros ou quase puros, mostrando que o adjetivo participial é um verdadeiro adjetivo e já não é uma forma verbal, dado a gradação possível: O Luís *desanimou*. ➡ O Luís ficou muito *desanimado*.

4. O verbo *Ficar* em Português Europeu

O verbo *ficar*²³, em Português Europeu, é um verbo multifuncional (ou polissémico) capaz de, por um lado, comportar-se como um **verbo principal**, assumindo o significado básico de ‘permanecer, não se mover’ (significado básico de “x fica P” é “x permanece P” (cf. Lehmann 2008: 9))²⁴ (cf. (25)); por outro lado, apresenta-se como um **verbo copulativo**, intimamente relacionado com *estar*, indicador de mudança²⁵ (Brito 2003; Correia 2010). Enquanto verbo copulativo, *ficar* indica uma mudança de estado ou um evento do qual permanece um resultado físico ou moral (cf. Carvalho, 1984: 131) ou, de acordo com Duarte & Oliveira (2010), do fim de um evento e início de um estado resultativo ou consequente (cf. (26)). Ademais, este verbo pode, ainda, ocorrer em **passivas resultativas** (cf. (27)) e como **verbo de operação aspetual** (*ficar a + infinitivo*) (cf. (28²⁶)).

(25) A Maria **ficou** em casa.

(26) A Maria **ficou** doente.

(27) A casa **ficou** destruída.

(28) A Maria **ficou a nadar** na piscina.

A nível sintático, *ficar* pode, eventualmente, ocorrer nas seguintes construções (cf. Lejeune, 2011: 48)²⁷: com complemento de lugar implícito (“x ficar” (cf. (29))), com advérbios (“x ficar ADV” (cf. ((30))), com sintagmas preposicionais (“x ficar SP” (cf. (31))), com sintagmas nominais (“x ficar SN” (cf. (32))), com sintagmas adjetivais (“x ficar SADJ” (cf. (33))), com participípios passados (“ficar PP” (cf. (34))), em construções progressivas (“x ficar a INF” (cf. (35))), com o gerúndio (“ficar Gerúndio²⁸” (cf. (36))) e, por fim, em construções pronominais (cf. (37))²⁹.

²² Os participípios que apenas contém forma curta (cf. escrever □ escrito) são usados, claramente, em tempos compostos (Veloso & Raposo, 2013).

²³ Embora não se trate de um estudo diacrónico, note-se que a gramaticalização do verbo *ficar* é um processo rico e complexo, sendo, por isso, este verbo considerado multifuncional ou polissémico.

²⁴ Quando este denota uma localização permanente, retratada no presente, pode ser substituído por *ser*: A minha casa de praia **fica** em Angeiras. ➡ A minha casa de praia **é** em Angeiras.

²⁵ O conceito de mudança (atual ou potencial) é intrínseco e fundamental nos significados de *ficar*. Isso leva-nos a equacionar o facto de é esse traço de mudança que faz com que a participação de *ficar* em construções progressivas seja aceitável.

Observação cedida por um dos avaliadores anónimos, a quem deixo o meu agradecimento.

²⁶ Exemplos (1) a (4) aqui repetidos.

²⁷ Exemplos baseados em Lejeune (2011: 48).

²⁸ Em Português Europeu, a construção semelhante a ‘ficar gerúndio’ é a construção perifrástica progressiva ‘ficou a V’: Ficou a olhar.

²⁹ *Ficar* também pode participar em construções como “ficar de + infinitivo” (A Maria *ficou de vir* a Lisboa este mês.) e “ficar por + infinitivo” (O único livro que *ficou por ler* foi o da Maria.).



- (29) O João sai. A Maria **fica**.
- (30) O caderno de artes **ficou ali**.
- (31) O Tomás **ficou em casa**.
- (32) **Ficou rei de Portugal**.
- (33) O Rui **ficou triste**.
- (34) O problema **ficou resolvido**.
- (35) **Ficou a olhar** para mim.
- (36) **Ficou olhando**.
- (37) A seleção feminina de Portugal, **ficou-se** pelo quarto lugar na sua categoria, ao ser derrotada pela Austrália.

Cunha (2007: 136) considera que o comportamento linguístico de *ficar* “oscila entre o dos eventos e o dos estados”, uma vez que este verbo participa, sem quaisquer problemas, em estruturas com *quando*, no Pretérito Perfeito, aproximando-se da estaticidade (cf. (38)), ao contrário do que acontece com o Pretérito Imperfeito (cf. (40)). Além disso, construções com *ficar*, tal como observámos em (39), no Presente do Indicativo, parecem desencadear uma leitura de habitualidade e não uma de “presente real” (característica dos estativos). *Ficar* aceita a presença de adverbiais durativos (cf. (41)), mas, por outro lado, é incompatível com a ocorrência de adverbiais pontuais em contextos semelhantes a (42), nos quais *ficar* assume a interpretação de “permanecer sentado”. No entanto, quando existe uma mudança de estado como “ficar furioso”, é possível, na maioria dos casos, a ocorrência com adverbiais pontuais (cf. (43))³⁰.

- (38) Quando o João **ficou doente**, levaram-no para o hospital.
- (39) O João **fica furioso** ?agora/ habitualmente.
- (40) *Quando o João **ficava furioso**, o pai deu-lhe um presente.
- (41) O João **ficou furioso** durante toda a tarde.
- (42) ??O João **ficou sentado** às 5 da tarde.
- (43) O João **ficou furioso** às 5 da tarde.

Todavia, as construções predicativas com *ficar* parecem caracterizar-se por possuírem ambiguidade interpretativa, segundo Cunha (2007). Essa ambiguidade interpretativa torna-se visivelmente evidente quando se altera o tempo gramatical que acompanha essas estruturas. Por exemplo, ao enunciarmos, no futuro, ‘O João **vai ficar irritado**’, pode: i) desencadear a leitura como evento pontual ‘O João **vai ficar irritado** às 2 horas, quando souber que o pai regressou.’ ou ii) remeter para um estado consequente ‘O João **vai ficar irritado** durante o fim de semana, enquanto o pai cá estiver’. Assim, assume-se que *ficar*, “no contexto de predicadores adjetivais, nominais e preposicionais, tanto poderá dar conta de um evento pontual quanto do estado consequente que dele resulta” (cf. Cunha, 2007: 136), sendo portador de valor aspetual de culminação com estado resultante expresso (Cunha, 1998: 146).

Quanto a estruturas do tipo *estar a ficar* – as estudadas neste trabalho –, Carvalho (1984: 147) afirma que, em construções deste tipo (com adjetivos), “o ingresso no novo estado é visto como um processo gradual”, visto que *ficar* é caracterizado semanticamente por ser durativo, admitindo a fase de decurso, de progressão, impulsionada pelo Progressivo; ao contrário de outros verbos operadores de mudança aspetual, como *começar a* e *acabar de*, que indicam o início ou o fim de uma eventualidade, respetivamente (cf. (44), (45)). Destaca-se que, apesar de *acabar de* denotar um final, em construções progressivas com *ficar* não existe um limite

³⁰ Exemplos baseados em Cunha (2007).



temporal, estando a situação em progresso, por mais que exista, tendencialmente, um estado consequente, devido à mudança implicada pelo verbo.

(44) As coisas **estão a ficar** *claras*. (*par=ext129839-des-95b-2*)

- i. As coisas **começam a ficar** *claras*.
- ii. As coisas **acabam de ficar** *claras*.

(45) Ora, o clima **está a ficar** *turvo*. (*par=ext145258-opi-96b-2*)

- i. O clima **começou a ficar** *turvo*.
- ii. O clima **acabou de ficar** *turvo*.

Importa ainda destacar que, em construções “ficar + SN/SAdj/Particípio Passado” é possível verificar, consoante Correia (2010: 158), que “sob o ponto de vista aspetual, todas elas manifestam tendencialmente uma passagem de fronteira, podendo ser parafraseadas como ‘*passar a estar/ passar a ser*’”.

5. Constituição do *Corpus* de Estudo e Metodologia de Análise

O *corpus* deste estudo reúne 800 exemplos: 460 ocorrências extraídas do CETEMPúblico e 340 do CRPC³¹. A seleção dos exemplos centrou-se no objetivo principal deste trabalho e, por isso, somente foram objeto de análise as ocorrências que apresentassem um dos seguintes tempos gramaticais³²: Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo e que, na predicação, contivessem adjetivos ou participípios.

Para a sua análise, foi adotada uma metodologia mista, com as seguintes etapas:

- 1 - estudo dos tempos gramaticais, com o intuito de verificar i) a compatibilidade do Progressivo com os tempos gramaticais selecionados (Presente, Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito (do Indicativo)); ii) a influência destes tempos gramaticais nas construções progressivas.
- 2 - estudo dos adjetivos³³ e dos participípios com os objetivos de: analisar o tipo de adjetivo presente nos fragmentos textuais (em ambos os *corpora*) e avaliar o tipo de participípio (verbal ou adjetival), aplicando, assim, três testes propostos por Foltran e Crisóstimo (2005): 1. substituição do participípio passado por um verdadeiro adjetivo; 2. possível coordenação entre um adjetivo e um participípio; 3. possibilidade de gradação, através de estruturas comparativas e superlativas (relativas e sintéticas) e introdução de modificadores de grau (como *muito*).
- 3 - análise quantitativa.

Assim sendo, segue-se a descrição dos resultados e a sua discussão.

³¹ As 340 ocorrências foram extraídas do *subcorpus* escrito do CRPC.

³² Note-se que este trabalho resultou da dissertação de mestrado (Rebouças 2019) e que, por esse motivo, além dos tempos gramaticais aqui mencionados, também foram objeto de estudo o Futuro do Indicativo e o Condicional, em construções progressivas.

³³ Acerca de questões relacionadas com a graduabilidade dos adjetivos presentes no *corpus* de estudo, ver Rebouças (2019).



6. Caracterização das Construções Progressivas com *Ficar*

6.1. Tempos Gramaticais: Presente, Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo

As construções progressivas ocorrem com quase todos os tempos gramaticais, contudo apenas analisámos a sua ocorrência com o Presente e os Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo, com o verbo *ficar*.

O Progressivo, ao indicar uma situação em progresso, não limitada temporalmente e que inclui o momento de enunciação, fornece à construção com o **Presente**, uma leitura de presente real da situação e, por isso, tem “o seu ponto de interesse central no facto de não ser uma leitura preferencialmente habitual (...), o que sugere fortemente o seu carácter originalmente estativo” (cf. Cunha (1998: 93)), tal como observamos em (46). Enquanto (46a) apresenta um estado em desenvolvimento, isto é, no momento de enunciação, o “nível de cansado” ainda não atingiu o seu limite, apresentando um processo³⁴ gradual; por outro lado, em (46b), estamos perante uma estado habitual, desencadeado pelo uso do Presente do Indicativo. Já em (46c), *ficar* no Pretérito Perfeito, indica uma situação, na qual o sujeito esteve num determinado tempo do passado ‘cansado’, atingindo o nível máximo de ‘cansaço’, todavia isso não quer dizer que a situação não se prolongue posteriormente (cf. (46c.i)).

- (46) a. O curandeiro **está a ficar** *cansado*. (*par=ext1516515-soc-96a-1*)
 b. O curandeiro **fica** *cansado*, sempre que sobe a montanha.
 c. O curandeiro **ficou** *cansado*.
 i. O curandeiro **ficou** *cansado* e ainda está.

O facto de as construções progressivas se caracterizarem por descreverem uma situação em desenvolvimento, perspetivando-a numa fase intermédia, que ainda é mais realçada com a combinação com o Presente do Indicativo, retiram a *ficar* a sua capacidade de apresentar um novo estado perspetivado como o resultado de mudança. Assim, devido à incompletude caracterizadora do Progressivo, não existe apresentação de um estado resultativo, estando a mudança em curso. Isto é, considerando os exemplos abaixo, ‘está a’ retira a ideia de completude característica de *ficar*, não chegando ao limite máximo associado a um adjetivo como ‘quente’ em (47) nem a ‘difícil’ em (48), mas, ainda assim, apresenta o início e o desenvolvimento da situação.

- (47) a. Os cientistas confirmaram que o planeta **está a ficar** mais *quente*, que os níveis do mar estão a subir... (*J89805*)
 b. O planeta **ficou** mais *quente*.
 (48) a. Segundo o promotor, a situação do bispo **está a ficar** cada vez mais *difícil*. (*par=ext1199028-soc-92b-2*)
 b. A situação do bispo **ficou** *difícil*.

O **Imperfeito do Indicativo** caracteriza-se por ser um tempo gramatical alargado, que apresenta as situações como passadas, sem qualquer restrição em relação ao seu final (Cunha, 1998). Por este motivo, o Imperfeito combina-se com o Progressivo sem suscitar problemas, uma vez que este último apresenta algumas características paralelas ao anterior. Isto é, ambos remetem para a não ‘completude’ de uma determinada situação, retirando, tal como o Presente do Progressivo, o efeito ‘resultativo’ de *ficar*, tal como nos mostra os exemplos (49) e (50).

- (49) Há cinco anos que não faço rádio e já **estava a ficar** *doente*. Foi na rádio que fui muito feliz. (*J87140*)

³⁴ Neste caso, o significado de ‘processo’ assemelha-se a ‘desenvolvimento’.



- (50) Eu estive lá três dias e já **estava a ficar cansada**», diz Fernanda, recordando o tempo que passou em Atlanta por causa da cerimónia de abertura dos Jogos, onde foi a porta-estandarte portuguesa. (par=ext814873-des-96b-2)

Assim, o Presente e o Imperfeito refletem o mesmo efeito nas situações: descrevem uma situação incompleta, por estar em progressão, retirando a *ficar* o efeito resultativo. Contudo, ainda assim é perspetivada uma mudança, ou seja, *ficar* contém ainda uma das suas características base intrínsecas e fundamentais (i.e., o seu traço de mudança), mas que está em curso e, por esse motivo, não existe um estado consequente. A única dissimilaridade existente entre o Presente do Progressivo e o Imperfeito do Progressivo é, como é natural, a apresentação da situação temporalmente: o Imperfeito do Progressivo apresenta a situação em desenvolvimento no passado, ao contrário do Presente.

Pelo contrário, a construção progressiva combinada com o **Pretérito Perfeito do Indicativo** não apresenta ocorrências em ambos os *corpora* consultados, uma vez que este tempo gramatical, apesar de ser aspetualmente neutro, confere às situações a impossibilidade de continuação, apresentando, desta forma, um estado progressivo no passado (cf. Cunha, 1998). Por apresentar um intervalo de tempo necessariamente fechado (Raposo, 2013), a combinação com *ficar* torna-se pouco aceitável, dado a necessidade de existência de uma mudança, que não é observável aquando da estrutura progressiva com o Perfeito, como é possível observar em (51ii) e (52ii).

- (51) O futebol **está a ficar desumano e monstruoso**. (par=ext1124523-nd-94b-2)
i. O futebol **ficou desumano e monstruoso**.
ii. ??O futebol **esteve a ficar desumano e monstruoso**.
- (52) Embora não seja um especialista da área ambiental, de ano para ano, noto que a lagoa **está a ficar** mais *reduzida* e que as suas águas, por falta do canal que as ligava ao mar, evidenciam um fenómeno semelhante ao que sucede nas lagoas de água doce de São Miguel. (par=ext44832-soc-93a-2)
i. A lagoa **ficou** mais *reduzida*.
ii. ??A lagoa **esteve a ficar** mais *reduzida*.
- (53) ***Esteve a ficar cansado**.
- (54) **Estava a ficar cansado** e ainda está.

Isso deve-se ao facto de *ficar* se comportar como um indicador de mudança, na qual há a indicação do fim de um evento e início de um estado resultativo ou consequente, apresentando, desta forma, a situação como completa. No entanto, devido a estar presente numa construção que evidencia a progressão, parece perder o efeito de completude. Assim, ao perder esse efeito e mostrar a mudança em curso, o Perfeito não funciona nestas construções, devido a tal como *ficar*, apresentar uma determinada situação que, além de passada, está terminada (cf. (53)). De destacar que o Imperfeito que por mais que indique uma situação passada, esta pode ainda se dar no momento de enunciação e no futuro (cf. (54)).

6.2. A presença de Adjetivos

Todos os adjetivos presentes no estudo, devido à construção em que se encontram, ocorrem em posição predicativa³⁵, sendo esta ocupada, em estruturas adjetivais, na sua maioria, por adjetivos **qualificativos** (cf. (55)), **avaliativos** (cf. (56)), **modais** (cf. (57)) e **adverbiais** (cf. (58)).

³⁵ Não tendo, por esse motivo, sido estudada a posição atributiva.



- (55) O BRITANNIA, o iate da família real, **está a ficar** *velho* de mais e vai ser substituído por outro. (*par=ext783633-soc-94b-1*)
- (56) Duarte Jorge não teoriza, mas sabe que «isto **está a ficar** *mau*». (*par=ext502789-soc-93b-1*)
- (57) A situação **está a ficar** rapidamente *impossível* de controlar. Até agora, o número de casos... (*J8107*)
- (58) Lá vai a qualidade de vida de Viana do Castelo para o nível da de Lisboa, porque a do Porto também já **está a ficar** muito próxima da de Lisboa a de Lisboa ainda consegue ser pior. (*A0058*)

Todavia, a possibilidade de participar em construções predicativas não está vedada aos adjetivos **relacionais**, uma vez que estes se podem recategorizar, passando a comportar-se como adjetivos qualificativos, quando é possível a sua ocorrência em construções de grau (cf. Bosque, 1993; Costa Ferreira, 2018), dando-se uma mudança de categoria (Cunha & Ferreira, 2003), tal como é possível observar em (59).

- (59) Ambiente que **está a ficar** cada vez mais tropical: depois das palmeiras na Avenida Fontes Pereira de Melo, Lisboa tem agora, até final de Julho, bananas e ananáses em tamanho familiar. (*par=ext961792-soc-96a-1*)

Além disso, importa ainda ressaltar que, determinados adjetivos assumem diferentes aceções (havendo, por isso, extensão semântica), uma vez que estão aplicados a contextos distintos³⁶. Isto é, o adjetivo *velho*, que se caracteriza por ser um adjetivo qualificativo de idade, pode aplicar-se a construções com entidades que denotam, tipicamente, propriedades de natureza material (cf. Veloso & Raposo, 2013) (cf. (60)), mas também é capaz de surgir em outras construções, nas quais o sujeito é [+humano] (cf. (61)).

- (60) Mas as tábuas dos barris **estão a ficar** *velhas*. (*par=ext140070-nd-91a-1*)
- (61) “Nomeadamente nos conservatórios nacionais, onde os professores **estão a ficar** *velhos* e não são substituídos”. (*jpub_970829_b01*)

6.3. A presença de Particípios

Os particípios estudados neste trabalho apresentam-se em posição predicativa e, por isso, aproximam-se dos adjetivos, absorvendo³⁷ algumas das características destes, como a possibilidade de comparecerem em estruturas com graduabilidade, além de apresentarem flexão de número e género.

Assim, para perceber se o comportamento dos particípios nestas construções se aproximam ainda mais das propriedades caracterizadoras dos adjetivos, tivemos em consideração três testes de Foltran e Crisóstimo (2005), que aqui retomamos: 1. substituição do particípio passado por um verdadeiro adjetivo; 2. possível coordenação entre um adjetivo e um particípio; 3. possibilidade de graduação, através de estruturas comparativas e superlativas (relativas e sintéticas) e introdução de modificadores de grau (como *muito*).

A substituição do particípio por um verdadeiro adjetivo (teste 1) levantou algumas dúvidas, pois, tendencialmente, tentamos ocupar o lugar do particípio por um adjetivo com significado equivalente, como o caso de *exausto* e *cansado*. Contudo, não havendo nenhuma especificidade na escolha do verdadeiro adjetivo pode, de facto, ser qualquer um, alterando a frase. E além disso, como vimos quanto aos adjetivos, os particípios podem denotar diferentes aceções, dependendo do contexto ou do sujeito da frase. Assim, em (62) observámos

³⁶ Ver Rebouças (2019) para uma análise mais aprofundada de outros adjetivos presentes no *corpus* de estudo com um comportamento semelhante e capazes de adquirir aceções distintas devido ao contexto em que ocorrem, seguindo a proposta de delimitação dos adjetivos qualificativos de Veloso e Raposo (2013) (i. adjetivos qualificativos de **propriedades de natureza material**; ii. adjetivos qualificativos de **propriedades físicas, psicológicas, morais e sociais associadas a seres vivos**.)

³⁷ Realça-se que por mais que o particípio absorva as características do adjetivo, passando a comportar-se como um particípio adjetival ou adjetivo participial, a sua base é verbal.



um exemplo, no qual consta o participípio *cansado*, que apresenta o seu significado base (que revela cansaço físico), sendo, por isso, capaz de existir uma substituição clara através do uso do adjetivo *exausto*. No entanto, em (63), *cansado* assume o significado figurado de ‘que se aborreceu’, não podendo ser substituído por *exausto*, mas sim por *farto*.

- (62) Menos indiferente, o agricultor marroquino parece invejar a capacidade de carga do jipe -- tanto desperdício para andar em correrias, logo quando o animal **está a ficar cansado** e as cestas a precisar de ser substituídas. (*par=ext1042698-des-94a-1*)
- i. O animal **está a ficar exausto**.
- (63) A escolha do local do desfile, segundo Marta Fontarra, do Departamento de Marketing e Publicidade da Morgan, foi determinada pelo facto de «o público **está a ficar cansado** do habitual desfile e agora há que tentar criar um show de moda», sendo essencial encontrar espaços eventualmente menos clássicos. (*par=ext983475-soc-98b-1*)
- i. O público **está a ficar farto** do habitual desfile.

Assim sendo, faz-se notar que participípios como *cansado*, *preocupado*, *saturado*, *parecido*, *deprimido*, *lambuzado*, *baralhado*³⁸, e.o, podem ser substituídos sem nenhum problema por verdadeiros adjetivos que tenham o mesmo significado, que, muitas vezes, depende do contexto e do tipo de sujeito. No entanto, participípios como *vampirizado*, *americanizado*, *cristalizado*, *ensanduichado*, *rarefeito*, *marginalizado*, *militarizado*, *fidelizado*, *fossilizado*, e.o, além de se apresentarem como participípios derivados, na maioria, de nomes, dificilmente equivalem a adjetivos portadores de significado semelhante.

O segundo teste visa a coordenação de participípios com verdadeiros adjetivos (cf. (64)-(66)). Porém, tal como o primeiro teste, esta coordenação de adjetivo e participípio depende do tipo de sujeito, mas, para além disso, a adição do adjetivo conta com que a frase permaneça com o mesmo objetivo e significado que continha anteriormente³⁹.

- (64) Estamos na Quaresma, parece que o dr. Pinto Balsemão **está a ficar mais religioso** e **menos depravado**. (*par=ext1525204-clt-96a-1*)
- (65) «Não durmo há dois dias, mas agora **estou a ficar mais sossegado** e **completamente contente**». (*par=ext255519-soc-96a-2*)
- (66) João Paulo Guerra, ibidem “O nosso futebol **está a ficar cada vez mais vampirizado** e **absurdo**” Francisco José Viegas. (*J36499*)

Finalmente, o terceiro teste relaciona-se com a capacidade de apresentar graduação, seja através da anteposição ou posposição de intensificadores (maximizadores (*muito*, *mais*) (cf. (65)) ou atenuadores (*pouco*, *menos*) (cf. (64)) ou a sua ocorrência em orações consecutivas ou em estruturas comparativas. Além destas, pode, ainda, o adjetivo surgir no grau superlativo sintético, evidenciando, ainda mais, a capacidade de que o adjetivo pode apresentar graduabilidade; ou, no caso, dos dados do corpus, surgir junto à expressão *cada vez* (cf. (66)). Essas características são partilhadas pelos adjetivos e pelos participípios passados, quando estes últimos tendem a absorver as características dos primeiros.

Quanto ao facto de os participípios se apresentarem no escopo predicativo do verbo *ficar* no progressivo, tal como acontece com adjetivos na posição predicativa, o verbo *ficar* em construções progressivas com participípios

³⁸ Estes participípios podem denotar o mesmo significado do que os adjetivos seguintes: *exausto*, *apreensivo*, *farto*, *semelhante*, *infeliz*, *sujo*, *confuso*, respetivamente.

³⁹ De facto, como nos foi possível encontrar exemplos que pudessem comprovar que este teste parece funcionar, não nos pareceu pertinente apresentar nesta fase a manipulação que fizemos para verificar o tipo de participípio (verbal ou adjetival).



denota uma mudança em curso. Quer dizer, como o progressivo caracteriza-se por apresentar uma situação no seu desenvolvimento, retira a *ficar* o efeito resultativo. Assim, tomando como exemplo o particípio *cansado* (cf. (53)-(54), aqui retomado, no Presente, (67)), o que acontece numa construção como esta é que, embora exista limite máximo, neste caso não é atingido.

(67) **Está a ficar** *cansado*.

6.4. Síntese

Nesta secção, apresentamos, descrevemos e discutimos os resultados, com o intuito de caracterizar a construção progressiva com o verbo *ficar* e os adjetivos e particípios que contivessem no escopo de predicação do verbo, sendo, por isso, possível retirar o seguinte:

- I. Devido à incompletude caracterizadora do progressivo, a combinação com *ficar* retira a este verbo o efeito resultativo que lhe é característico. *Ficar* nestas construções apresenta mesmo assim uma mudança, mas que é perspectivada como estando em curso, não sendo possível considerar-se um estado resultativo. Fazendo notar que o significado de *ficar* implica o traço intrínseco e fundamental de mudança.
- II. Os tempos gramaticais combinados com o progressivo não provocam grandes alterações na sua interpretação:
 - O Presente do Progressivo indica que a situação está em decurso no momento de enunciação, sendo aquele que mais está presente no *corpus* de estudo (Quadro 1);
 - O Pretérito Imperfeito do Progressivo, tal como o Presente, indica uma situação em progresso, mas realizada no passado.
 - O Pretérito Perfeito do Progressivo não ocorre nestas construções, dada a sua incapacidade de ocorrência com o verbo *ficar*.

N.º de Ocorrências de Tempos Gramaticais (Geral)			
	CRPC	CETEMpúblico	Total
Presente do Indicativo	272	377	649
Pretérito Imperfeito do Indicativo	62	75	137
Pretérito Perfeito do Indicativo	0	0	0
(-)	6	8	14
Total	340	460	800

Quadro 1 - N.º Ocorrências Tempos Gramaticais

- III. Os adjetivos presentes nesta construção apresentam-se, tal como os particípios, em posição predicativa, ocorrendo, na sua maioria, em construções de grau:
 - a. Na totalidade dos adjetivos analisados, o tipo de adjetivo mais frequente no *corpus* é o qualificativo, todavia também há exemplos de adjetivos modais, adverbiais e avaliativos, embora poucos. Os adjetivos relacionais e os adjetivos associados a partidos políticos também foram analisados.



- b. Os adjetivos estudados tendem para aceções distintas, estando presente uma extensão metafórica, em diversos casos.
- IV. Quanto aos participípios, estes ocorrem em menor quantidade do que os adjetivos (Quadro 2), absorvendo as características destes últimos e, deste modo, acabam por se comportar de uma forma semelhante a adjetivos:
- a. Podem participar em construções predicativas;
 - b. Admitem graduação;
 - c. Apresentam significados próximos ao que os adjetivos denotam.
- V. Os participípios, neste estudo, por apresentarem características próximas dos adjetivos são considerados como participípios adjetivais, nunca perdendo a sua base verbal que tanto os identifica.

Nº Ocorrências de Adjetivos e Participípios (Geral)						
	CRPC		Total	CETEM público		Total
	ADJ	PCP		ADJ	PCP	
Presente do Indicativo	156	116	272	235	142	377
Preterito Imperfeito do Indicativo	36	26	62	40	35	75
(-)	4	2	6	3	5	8
Total	196	144	340	278	182	460
	800					

Quadro 2 - N.º Ocorrência de Adjetivos e Participípios

7. Algumas Considerações Finais

No presente artigo, procurámos caracterizar o verbo *ficar* em construções progressivas com adjetivos e/ou participípios. Foi possível verificar que o verbo *ficar* do ponto de vista semântico é um verbo que apresenta um comportamento peculiar, isto é, tem **mais do que uma funcionalidade**: por um lado, indica permanência num determinado lugar, assumindo, desta forma, o significado de “permanecer, não se mover”; e, por outro, enquanto verbo copulativo, apresentar-se como indicador de mudança, na qual existe o fim de um evento e o início de um estado resultativo (ou consequente). Note-se que o traço de mudança intrínseco e fundamental do significado de *ficar* parece permitir a participação de *ficar* em estruturas progressivas. Além disso, *ficar* pode ocorrer nas passivas resultativas e como verbo de operação aspetual (*ficar a* + infinitivo).

Em construções progressivas, por apresentarem uma situação em desenvolvimento, decurso, progressão e, consequentemente, incompleta, a sua combinação com *ficar*, retira a este verbo o efeito resultativo (ou o atingir do limite de grau máximo) que lhe é característico: ‘O copo **está a ficar** cheio’ (isto é, ‘O copo não está completamente cheio.’). *Ficar*, nestas construções, apresenta mesmo assim uma mudança, mas essa é perspectivada como estando em curso, não podendo ser descrito um estado resultativo. Ademais, a construção progressiva ‘est- a *ficar*’ mostra, ao contrário do que se passa com a construção com “est- a *ser*”, a aceitabilidade de estados não faseáveis, além dos faseáveis, apresentando a mudança em curso, tal como observámos em (1) **Está a ser* alto. versus (2) *Está a ficar* alto.



Ademais, no *corpus* de estudo, o Progressivo surge, na sua grande maioria, no Presente, o que nos parece dever-se ao facto de estarmos perante a análise de fragmentos textuais de índole fundamentalmente jornalística, e, seguidamente, no Imperfeito, indicando, desta forma, uma situação que parece apresentar uma mudança, mas que essa está em curso, sendo a única dissemelhança existente entre estes dois tempos o facto de o Imperfeito indicar essa mudança no passado. Contudo, verificámos que o Pretérito Perfeito não participa em construções como esta, devido, sobretudo, ao seu efeito de completude, ou seja, este tempo apresenta uma situação no passado que se dá por terminada. Já o Imperfeito do Indicativo, apesar de apresentar igualmente uma situação no passado, não indica um fim, atribuindo duração à situação. Note-se, no entanto, que os tempos gramaticais em si parecem não influenciar *ficar*, sendo este influenciado pela construção progressiva.

Quanto à ocorrência dos adjetivos e participípios, tendencialmente, os adjetivos (qualificativos) são os que mais frequentemente ocorrem, não só no *corpus* de estudo, mas igualmente em ambos os *corpora*, dos quais os fragmentos textuais analisados foram retirados, comparativamente aos participípios. Parece existir por parte dos participípios presentes no *corpus*, apesar da pouca quantidade e, por isso, não se poder generalizar a todos os casos, uma possível absorção das características típicas dos adjetivos, comportando-se como estes, uma vez que, além de estarem presentes em posição predicativa, tendem a apresentar, tal como os adjetivos, graduação e, por vezes, assumem diferentes significados (extensão semântica). Assim, é de notar que determinar o tipo de adjetivo e avaliar o comportamento dos participípios, revela por parte deles complexidade e instabilidade.

Por fim, apesar de este estudo nos ter permitido avaliar as construções progressivas com *ficar* e os adjetivos e participípios que nelas ocorriam, alargar o domínio de análise (pelo menos ao enunciado anterior), de forma a compreender-se o que causou tal resultado ('A Maria *ficou* doente', 'ter ficado doente'), equacionado o efeito de possível causatividade associado a *ficar* seria um ponto a considerar em investigação futura. Merecerá igualmente a nossa atenção futura o estudo do progressivo estático, uma vez que, como defendemos ao longo deste artigo, ser certo que a construção progressiva retira ao verbo *ficar* o efeito resultativo, pode, igualmente, ser certo de que o progressivo conferira ao verbo *ficar* a noção de emergência, tendo em consideração de que o progressivo é uma estrutura complexa.

Referências

- Brito, Ana Maria (2003) Categorias Sintáticas. In. Maria Helena Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5ª edição, Cap. 11, pp. 323-433.
- Carvalho, José Herculano (1984) *Ficar em casa/Ficar pálido: Gramaticalização e valores aspetuais*. Separata da "Coleção Linguística, 1", Coimbra.
- Correia, Clara (2010) Sobre os valores de *ficar* em Português Europeu. *Revista de Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* (5), pp. 153-161. Disponível na Internet em: <http://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/C.-N.-Correia-1.pdf>, acedido em 30/01/2019.
- Cunha, Luís Filipe (1998) *As Construções com o Progressivo no Português: uma Abordagem Semântica*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.
- Cunha, Luís Filipe (2004) *Semântica das Predicações Estativas-para uma caracterização aspectual dos estados*. Tese de doutoramento, Universidade do Porto.
- Cunha, Luís Filipe (2007) *Semântica das Predicações Estativas-para uma caracterização dos estados*. München: LINCOM Europa.
- Cunha, Luís Filipe & Idalina Ferreira (2003) Tipologia de adjetivos e construções predicativas com ser e estar em Português Europeu. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 421-432.



- Demonte, Violeta (1999) El adjetivo: clases y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal. In: Ignácio Bosque & V. Demonte (orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa-Calpe, pp. 129-215.
- Duarte, Inês (2003) A família das construções inacusativas. In: Maria Helena Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5ª edição, Cap. 13, pp. 508-548.
- Duarte, Inês (2013) Construções Ativas, Passivas, Incoativas e Médias. In: Eduardo Raposo, M. Bacelar do Nascimento, M. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes. (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I, Cap. 13, pp. 429-498.
- Duarte, Inês & Fátima Oliveira (2010) Participípios resultativos. *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 397-408.
- Ferreira, Idalina (2012) *Para o estudo semântico dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais no Português Europeu*. Tese de doutoramento, Universidade do Porto.
- Foltran, Maria José & Gisele Crisóstimo (2005) Os adjetivos participiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem* 13 (1), pp. 129-154. Disponível na Internet em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2401/2355>, acessado em 11/02/2019.
- Leal, António, Idalina Ferreira & Luís Filipe Cunha (2015) Algumas reflexões sobre escalaridade e *degree achievements* em Português Europeu. In: Purificação Silvano & António Leal (coord.). *Estudos de Semântica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística do Porto, pp. 153-160.
- Lehmann, Christian (2008) A Auxiliarização de *ficar*. Linhas Gerais. In: José Pinto de Lima & B. Sieberg, (eds.) *Questions on Language Change*. Lisboa: Edições Colibri, pp 9-26. Disponível na Internet em: https://www.researchgate.net/publication/299636928_A_auxiliarizacao_de_ficar_Linhas_gerais, acessado em 31/01/2019.
- Oliveira, Fátima (2003) Tempo e Aspeto. In: Maria Helena Mateus, A. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5ª edição, Cap. 6, pp. 128-178.
- Oliveira, Fátima (2013) Tempo Verbal. In: Eduardo Raposo, M. Bacelar do Nascimento, M. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes. (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Vol 1, Cap. 15, pp. 509-553.
- Rebouças, Rute (2019) *Sobre o Verbo Ficar em Construções Progressivas*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.
- Veloso, Rita & Eduardo Raposo (2013) Adjetivo e Sintagma Adjetival. In: Eduardo Raposo, M. Bacelar do Nascimento, M. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes. (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Vol II, Cap. 31, pp. 1359-1493

